

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELAINE CRISTINA SOUZA SOARES SANTOS

**PERFIL ETÁRIO DOS ESTUDANTES E A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: oportunidade ou fuga para a juventude?**

**Aracaju – SE
2021**

ELAINE CRISTINA SOUZA SOARES SANTOS

**PERFIL ETÁRIO DOS ESTUDANTES E A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: oportunidade ou fuga para a juventude?**

**Monografia apresentado à Faculdade
Amadeus, como requisito final para
obtenção do Grau de licenciatura em
Pedagogia.**

Orientadora: Msc Carla Daniela Kohn

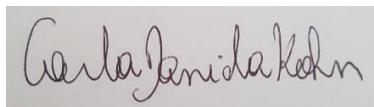
**Aracaju – SE
2021**

**PERFIL ETÁRIO DOS ESTUDANTES E A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: oportunidade ou fuga para a juventude?**

**Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II)
do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus sob a orientação do Prof.
Carla Daniela Kohn**

Aprovada em 04.12.2021

Banca Examinadora



Prof^ª (Orientadora) Msc. Carla Daniela Kohn



Prof^ª. Dr^ª Áurea Machado de Aragão



Prof^ª. Msc. Lucymar de Souza Leite Santos

**Aracaju
2021**

Dedico esta monografia à minha filha Anna Júlia Souza Santos, por entender e perdoar todas as minhas ausências para finalização da mesma.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todo amor, zelo e generosidade comigo, sem ele não teria chegado até aqui;

A todos os meus familiares, de perto ou de longe, em especial Ana Cristina, Rosidete e Maria José, recebam o meu agradecimento repleto de amor e carinho. Obrigada pela força e palavras de incentivo e aqui digo: “Lutem, não desistam de seus sonhos. Foi pensando assim que cheguei até aqui.” ;

Ao meu marido Mário Jorge, meu parceiro no amor e na vida, pela cumplicidade e paciência que o fez suportar meu nervosismo e minhas ausências ao longo deste trabalho;

Ao melhor pedaço de mim, Anna Júlia, minha filhota, razão para eu seguir sempre em frente;

Agradeço a todo corpo docente e discente da faculdade Amadeus, a quem fico lisonjeada por dele ter feito parte;

Agradeço a coordenadora Edite Maciel por abrir as portas do Centro de Referência Professor Severino Uchôa com muito carinho e atenção;

A orientadora, professora MsC Carla Daniela Kohn, por toda dedicação, paciência, apoio e competência no auxílio durante todas as fases da orientação.

Muito obrigada

“Plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores: E você aprende, que realmente pode suportar, que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida!

Nossas dádivas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar, se não fosse o medo de tentar.”

(William Shakespeare)

RESUMO

O presente estudo trata do perfil dos estudantes da EJA do Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Professor Severino Uchôa em Aracaju SE, visando compreender a realidade em que os mesmos estão inseridos bem como entender a escolha dos jovens pela modalidade, processo esse chamado de “juvenilização”, a fim de responder a seguinte problemática: O porquê da escolha desses jovens pela EJA e não pelo ensino regular? Para responder a essa questão a presente monografia tem como objetivo geral: Examinar as causas do processo de juvenilização da EJA. O estudo de cunho qualitativo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, apoiada em autores como Freire (1987, 2005), Soares (2002), Covallito e Arruda (2014), dentre outros, seguida de um estudo de caso na escola supracitada, através da aplicação de questionários com alunos, professores e coordenadores. Justifico a escolha da temática, através do contato que tive com a realidade desses jovens em um estágio na referida instituição, quando estudava a disciplina EJA na graduação. Os resultados da pesquisa mostram o perfil dos estudantes mais jovens que optam por essa modalidade de ensino, bem como os motivos dessa escolha, que são diversos, dentre eles a distorção série/idade e a redução de tempo de estudos como os principais. Diante de diversos desafios encarados pelos alunos dessa modalidade, está a formação dos professores, elaboração de um material didático condizente para o aprendizado dos mesmos, diferença de idade entre os alunos na mesma classe e a criação de políticas públicas que, de fato, venham a contemplar as expectativas dos discentes a fim de proporcionar uma melhor qualidade do ensino, e a permanência desses alunos na escola.

Palavras – chaves: Educação de jovens e adultos. Juvenilização. Perfil Discente

ABSTRACT

This study deals with the profile of EJA students at the Professor Severino Uchôa Youth and Adult Education Reference Center in Aracaju SE, aiming to understand the reality in which they are inserted as well as to understand the choice of young people for the modality, a process called of “juvenilization”, in order to answer the following problem: Why these young people chose EJA and not regular education? To answer this question I bring as a general objective: To examine the causes of the EJA juvenilization process. The qualitative study was carried out from a bibliographical research, supported by authors such as Freire (1987, 2005), Soares (2002), Covallito and Arruda (2014), among others, followed by a case study in the aforementioned school. , through the application of questionnaires with students, teachers and coordinators. I justify the choice of the theme, through the contact I had with the reality of these young people in an internship at that institution, when I was studying the EJA discipline at graduation. The research results show the profile of the younger students who choose this type of education, as well as the reasons for this choice, which are diverse, among them the grade/age distortion and the reduction of study time as the main ones. Facing the various challenges faced by students of this modality, there is the training of teachers, the development of teaching material suitable for their learning, age difference between students in the same class and the creation of public policies that actually contemplate the expectations of students in order to provide a better quality of education, and the permanence of these students in school.

Key words: Youth and adult education. Youth. Student Profile

LISTA DE SIGLAS

CONFINTEA – Conferência Internacional para a Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EJAF- Educação de jovens e Adultos fundamental

EJAEM- Educação de Jovens e Adultos ensino médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PNAC – Política Nacional de Avaliação Civil

PNE – Plano Nacional de Educação

PROEJA – Programa da Integração da Educação Profissional para Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Conhecendo o percurso da EJA.....	13
2.2 A Juvenilização da EJA e o perfil do alunado.....	20
2.2.1 Facilidade de reduzir o tempo de estudo	21
2.3 Políticas públicas voltadas para EJA.....	24
	29
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
3.1 Questionário aplicado aos alunos da EJA.....	35
3.2 Questionário aplicado às professoras da EJA.....	
3.3 Questionário aplicado às coordenadoras da EJA.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5 REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE	
APÊNDICE A- Questionário dos alunos	51
APÊNDICE B - Questionário dos professores	54
APÊNDICE C - Questionário dos coordenadores.....	56

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo traz como objeto a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade de ensino para aqueles indivíduos que por algum motivo deixaram de frequentar a escola na idade certa. Conforme o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 “A Educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. ” Trabalhar com a educação de jovens e adultos não se resume apenas no ato de ensinar, mas sim na construção de uma perspectiva de mudança.

Desde a colonização, a preocupação com a educação de jovens e adultos já existia e era de responsabilidade dos jesuítas, como toda a educação, com o objetivo da catequização desses indivíduos, onde as poucas escolas existentes eram destinadas as classes média e alta.

No começo do século XX houve um avanço nessa modalidade diante da chegada das indústrias, que mostraram a necessidade de ter funcionários mais capacitados, com isso as escolas se prepararam para qualificar esses jovens e adultos, porém ainda voltados para um determinado segmento, foi somente com Paulo Freire no ano de 1962 que a EJA, na época chamada de educação popular, assume um novo significado, focando a educação desse público na formação do cidadão, sendo ele o protagonista dessa educação.

Para Freire (2005) o indivíduo precisava ser conscientizado do ser político que era, e precisava conhecer seu papel frente a sociedade que vivia. ” Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de [...] de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (FREIRE, 2005, p.193). ”

Os alunos da EJA são homens e mulheres diferenciados dos alunos do ensino regular, esses alunos tem um perfil próprio, com suas especificidades, são indivíduos com vivencias profissionais, origens, pensamentos, crenças, idades e ritmos muito diferentes uns dos outros, e isso torna a sua passagem pela sala de aula um momento ímpar.

Com o passar dos anos observamos que o perfil dos alunos da EJA vem modificando com o crescente número de jovens que migraram por diversos motivos do ensino regular para a EJA, mas que de alguma forma estão enfrentando as dificuldades para continuar seus estudos.

Diante de um público tão diversificado nesta modalidade observa-se o crescimento dos jovens, muitos deles em condições de terem cursado o ensino regular. Destaca-se a delimitação da pesquisa, questionando o porquê da escolha desses jovens pela EJA e não pelo ensino regular? Para responder a questão de pesquisa, o presente estudo teve como objetivo geral examinar as causas do processo de juvenilização da EJA, e como objetivos específicos conhecer a trajetória histórica da EJA, refletir a juvenilização da EJA através do perfil do aluno, do Centro de Referência Professor Severino Uchôa, que opta por essa escolha e analisar políticas públicas que retratam o fenômeno.

Os processos metodológicos utilizados nessa pesquisa de cunho qualitativo foram a pesquisa bibliográfica para aprofundamento da temática, seguida de um estudo de caso desenvolvido no centro de referência professor Severino Uchôa, com jovens alunos matriculados na modalidade EJA, bem como com seus professores e coordenadores.

Para Richardson (1999, p.79) “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” e descritiva que “descreve as características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 2008, p. 28)

No que se refere a pesquisa bibliográfica Gil (2008, p.50) afirma que é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, nessa pesquisa foram utilizados autores como Freire (1987, 2005), Soares (2002), Covallito e Arruda (2014) dentre outros e em documentos legais como Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

E em relação ao Estudo de caso Gil (2008, p.57) “um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”, sendo realizado então na instituição escolar supracitada.

Os instrumentos de coleta de dados foram a aplicação de questionários com alunos, professores e coordenadores. Através das respostas pretendia-se identificar motivos pelos quais os educandos optaram pela EJA, apesar de terem tido condições de cursar o ensino fundamental na idade certa.

Questionários são técnicas de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999.p.128)

Em relação ao tempo da pesquisa tratou-se de uma pesquisa transversal que segundo Thiollent (1992) é quando a exposição da causa pesquisada está presente no mesmo intervalo de tempo analisado. Apresenta-se como uma foto ou corte instantâneo que se faz em uma população ou local por meio de uma amostragem, examinando-se a presença ou ausência da exposição e a presença ou ausência do eleito.

Justifico minha escolha pela temática, através do contato que tive com a realidade desses jovens em um estágio no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Professor Severino Uchôa, situado na Rua dos Estudantes S/n, no Bairro Getúlio Vargas, Aracaju/Se, quando estudava a disciplina EJA na graduação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O percurso histórico da EJA

A história da EJA está inserida inicialmente nas questões econômicas, sociais e políticas, onde não havia separação entre educação e trabalho, mas para conhecer a EJA é necessário voltar um pouco na história, jovens e adultos eram catequizados na época da colonização do Brasil pelos jesuítas, eles eram ensinados pela e para fé. Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII a educação fica a cargo do império, com isso a educação de jovens e adultos fica adormecida, somente na década de 30, que a educação de jovens e adultos ressurgiu, no ano de 1934 quando fica estabelecido no Plano Nacional PNE da educação que é dever do estado o ensino primário, integral, gratuito de frequência obrigatória e extensiva para adultos com direito constitucional (FRIEDRICH et.al. 2010).

Na década de 40 a educação de jovens e adultos ganhava outra perspectiva, era levada como educação profissionalizante, onde a visão era capacitar jovens e adultos para o trabalho nas indústrias, com isso surge em 1942 o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que, segundo Gadotti; Romão (2006), se não ocorresse a educação profissional o desenvolvimento industrial não aconteceria de forma satisfatória, dentro desse contexto se associa a educação de jovens e adultos à educação profissional. Para atender aos interesses da época.

A história da educação de jovens e adultos fica marcada por diversas ações, em 1947 acontece o I Congresso Nacional de Adultos que traz a ideia que todo brasileiro tem que ser alfabetizado, em 1958 aconteceu o II Congresso Nacional de Adultos tendo Paulo Freire como destaque, porém as ideias dele são extintas devido ao golpe militar, pois os pensamentos dele iam de encontro ao que já estava instalado (RODRIGUES, 2014).

Em 1966 foi feita uma revisão no PNE visando uma nova organização na distribuição dos recursos financeiros destinados à educação de jovens e adultos. "que se chamou Plano Complementar de Educação, (que) introduziu importantes alterações na distribuição dos recursos federais" (BRASIL, 2014 p. 6).

Em 1967 após o golpe militar, foi criado o MOBRAL (movimento brasileiro de alfabetização) tendo como principal objetivo a erradicação do analfabetismo, dá a esses analfabetos a oportunidade de ingressar a sociedade por meio da educação, tendo o foco em ler e escrever, formar cidadãos aptos a consumir e estarem adaptados as novas possibilidades de produção, através de fichas de leitura, escrita e cálculos matemáticos.

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas. (BELLO,1993. p. 38)

Segundo Niskier (1989) o MOBRAL passou por várias transformações ao longo do tempo, se expandindo e acrescentando outras atividades a seu sistema original. “A experiência brasileira foi reconhecida pela UNESCO e sua importância realçada” (NISKIER, 1989, p.368).

A seguir no ano de 1971 a lei nº 5.692 regulamenta o supletivo, que visa a escolaridade desse público ainda voltada para a profissionalização. Portanto o supletivo “se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão de obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 117)

No ano de 1988 com a Constituição Federal, torna dever do Estado o ensino de jovens e adultos conforme definido no artigo 205,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para os exercícios da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p. 99).

Na década de 90 o supletivo torna-se EJA, reafirmando a institucionalização da modalidade.

A mudança de ensino supletivo para educação de jovens e adultos não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo “ensino” se restringe à mera instrução, o termo “educação” é muito mais amplo compreendendo os diversos processos de formação (SOARES, 2002, p. 12)

Ainda na década de 90 a EJA passa por uma reforma pedagógica, ganha uma notoriedade através da Lei de diretrizes e Bases, onde em dois artigos a lei se debruça sobre a educação de jovens e adultos embasando a sua gratuidade e obrigatoriedade.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996, p. 13)

Ao longo dos anos foram criados programas voltados ao público da EJA, tendo como principais o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação Profissional e Ação Comunitária (PROJOVEM) e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA)

O PBA criado em 2003 visava superar o analfabetismo dos jovens a partir de 15 anos, a fim de mudar o cenário da história da educação de jovens e adultos existente até então. As pessoas precisavam modificar a visão de mundo em que viviam, através do conhecimento, assim possibilitou ao público da EJA, “aprendizagem significativa, compreendo a escrita como patrimônio sociocultural e o processo de alfabetização em estreita relação com a vida dos sujeitos” (BRASIL, 2011. p. 9)

O PROJOVEM foi criado em 2005 para atender jovens entre 18 e 24 anos de idade a fim de inserir os mesmos através da educação e da qualificação ao mercado de trabalho,

O Programa é destinado:

[...] a jovens com idade entre dezoito e vinte e quatro anos, que atendam, cumulativamente, aos seguintes requisitos:

I. Tenham cursado, no mínimo, a 4ª série do Ensino Fundamental ou realizado estudos equivalentes, mas ainda não tenham concluído seus estudos no nível do Ensino Fundamental; e,

II. Não tenham vínculo empregatício formal

(CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2006a, p. 5).

O PROEJA criado em 2006 que foi dedicado a educação técnica profissional em nível de ensino médio, ou seja, se destina a jovens com idade igual ou maior a 18 anos, sem limite máximo de idade para ingressar no programa, desde que tenham concluído o ensino fundamental, esse programa alia a educação de jovens e adultos a educação profissionalizante, ou seja, oferta a EJA nas escolas técnicas.

De acordo com Pereira (2013) apoiada no Documento Base (Brasil 2007) que preconiza os cursos que serão oferecidos:

1 – Educação profissional técnica de nível médio com ensino médio, destinado a quem já concluiu o ensino fundamental e ainda não possui o ensino médio e pretende adquirir o título de técnico. 2 – Formação inicial e continuada com o ensino médio, destinado a quem já concluiu o ensino fundamental e ainda não possui o ensino médio e pretende adquirir uma formação profissional mais rápida. 3 – Formação inicial e continuada com ensino fundamental (5ª a 8ª série ou 6º a 9º ano), para aqueles que já concluíram a primeira fase do ensino fundamental. Dependendo da necessidade regional de formação profissional, são, também, admitidos cursos de formação inicial e continuada com o ensino médio. (PEREIRA, 2013. p. 56-57)

Além disso, o PROEJA configura-se como:

[...] uma possibilidade de inovar pedagogicamente na concepção de ensino médio, em resposta aos diferentes sujeitos sociais para os quais se destina, por meio de uma concepção que considera o mundo do trabalho e que leva em conta os mais diversos saberes produzidos em diferentes espaços sociais. Abandona-se a perspectiva estreita de formação integral dos sujeitos, como forma de compreender e se compreender no mundo. (BRASIL, 2007, p. 43).

Outros documentos importantes que não podem deixar de ser destacados com relação a EJA são o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014), e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Podemos observar nas metas 3, 8, 9 e 10 do PNE 2014, a preocupação com a superação do analfabetismo.

Meta 3: Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento)

Meta 8: Elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Meta 9: Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional.

Meta 10: Oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. (BRASIL/ PNE,2014 p. 53, 137, 169 e 177)

Machado e Alves comentam sobre o PNE 2014 que:

No exercício de pensar as metas do PNE, é reconhecer que o espaço federativo é a base para que as intenções do texto legal se materializem. Neste sentido, tomar a EJA como direito é, ao mesmo tempo, tomá-la como dever do estado, portanto, secretarias municipais, estaduais, rede federal, ou seja, os sistemas de ensino precisam assumir este público como prioritário nas suas ofertas de escolarização. (MACHADO, ALVES, [s.d.], p. 20)

Com isso observamos que o PNE 2014 com vigência prevista até 2024 chega com metas para toda a educação, afim de fortalecer o sistema de ensino, e traz a EJA como modalidade de ensino para aqueles indivíduos que repetem de ano, ou abandonam por algum motivo o ensino regular como mostra as palavras de (CORDES et al. 2017, p. 9-10) “A EJA fundamental e médio, voltada às pessoas com alta repetência e/ou que abandonaram o fluxo regular e desejam ajustar sua situação escolar. ”

É importante lembrar que a EJA deve se articular com a Base Nacional Comum Curricular, pois quando falamos dos jovens por exemplo (ensino fundamental e médio), é necessário que a escola, venha a se apropriar dos saberes

do alunado e transforme-os em alunos críticos e criativos, a fim de configurar uma aprendizagem significativa para os mesmos.

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (Brasil, 2017, p. 58).

Existem vários conceitos quando abordamos a modalidade EJA, um dos que não pode deixar de ser abordado é a Andragogia que vem do grego: andros = adulto e gogos = educar, segundo Bellan (2005) apud Carvalho et al (2010 p. 81), andragogia é “a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender” ou seja estuda a maneira como os adultos aprendem, ela visa que o aluno adulto aprende fazendo e não somente ouvindo, a aprendizagem vem do fazer e não de um aluno completamente passivo.

Algumas características definem o método andragógico como:

Despertar no adulto a consciência da necessidade de instruir-se e a noção clara da sua participação na sociedade; partir dos elementos que compõem a realidade do educando, que se destacam como expressão de sua relação direta e contínua com o mundo em que vive; não impor o método ao educando e, sim, criá-lo com ele, com base na realidade em que vive. O professor instrutor deve atuar como incentivador da busca autônoma de conhecimentos. Propor o conteúdo da instrução, o que deve ser justificado como uma contribuição para melhorar as condições de vida do homem. (CARVALHO et al. 2010, p. 82)

Vale ressaltar uma diferença entre pedagogia e andragogia, onde a pedagogia propriamente dita, visa o ensino de crianças, e a andragogia busca caminhos de ensinar adultos, tendo eles como protagonistas do seu próprio ensino, pois esses adultos trazem vivências diferenciadas de mundo, que os colocam como parte dos educados da sociedade, mesmo sem a formação escolar formalizada, nesse contexto o aluno adulto e docentes ensinam enquanto aprendem, uma via de mão dupla, onde professores tem um papel de auxiliador no desenvolvimento de

alunos que são protagonistas de sua própria história. O que aponta DeAquino (2007 p. 13).

A grande discussão hoje existente nos meios universitários e de educação continuada é se a pedagogia é uma forma adequada para o ensino e aprendizagem de adultos ou se a andragogia, uma abordagem que considera a postura crítica e a necessidade da experimentação, seria capaz de trazer resultados melhores para esse grupo particular de aprendizes. Nosso entendimento é de que existe um contínuo, no qual a pedagogia, também conhecida como aprendizagem direcionada, posiciona-se em uma extremidade, enquanto a andragogia (aprendizagem facilitada) encontra-se em outra. De modo a se ter eficácia e eficiência no processo de aprendizagem, é necessário que professores e organizações educacionais sejam capazes de se mover ao longo desse intervalo e encontrar a combinação correta entre as duas abordagens.

O que também é reforçado por Carvalho (2010, p. 88):

A transição da pedagogia para a andragogia deve ser feita durante os estudos universitários, em função da faixa etária em que se encontram os jovens ingressantes na graduação, portanto, programar o ensino de adultos sob o foco da andragogia tanto nas universidades, como em outras instituições de ensino, trará grandes benefícios para o aprendiz, fazendo que se transformem em profissionais mais conscientes e capacitados. Este é o grande desafio da educação de adultos, pois a prática atual tem se mostrado insuficiente para atingir os objetivos propostos.

Ainda sobre essa relação entre docentes e alunos adultos a andragogia trás, segundo Bellan (2005) uma ideia de revisão dos métodos de ensino dos professores em turmas de adultos, pois os mesmos como já mencionado trazem consigo um saber internalizado, experiências e habilidades, o que gera mais envolvimento no processo de aprendizagem dos mesmos, e requer uma habilidade diferenciada dos docentes pedagogos que geralmente estão nas turmas da EJA.

A andragogia vem sendo estudada ao longo dos anos apesar de ainda ser pouco conhecida, ou erroneamente citada em alguns contextos como “pedagogia do adulto” (CARVALHO et al. 2010, p. 87) onde poderia ser utilizado o termo correto e buscar estudos mais aprofundados sobre.

Nesse contexto os estudos se voltam mais para a pedagogia por entender que existe uma necessidade maior de ensinar crianças, por outro lado ao longo dos anos percebe-se que para ingressar no mercado de trabalho é necessário cada vez

mais, adultos letrados e alfabetizados, o que deu um maior espaço a estudos sobre a andragogia. Sendo assim elas se completam mesmo tendo focos diferenciados no que se trata de faixa etária. Como cita UNESCO (1999, p. 20) “[...] ambos os tipos de educação, seja a voltada aos adultos ou a empregada para crianças e adultos, se tornaram elementos necessários para uma nova perspectiva na qual o aprendizado persiste por toda a vida. ” Assim a andragogia ganha mais espaço, sendo que ela sempre precisará estar aliada a pedagogia, uma vez que a mesma deve auxiliar na aprendizagem dos adultos, alunos que passam pela pedagogia em direção ao ensino nas classes de EJA por exemplo, de forma em que uma vai auxiliar a outra.

2.2 A Juvenilização da EJA e o perfil do alunado

Para uma boa compreensão da Educação de Jovens e Adultos é necessário conhecer o perfil de aluno que opta por essa modalidade, para que assim a atenção seja voltada a realidade dos discentes. Neste sentido, NBR (1983, p.19) descreve:

São homens e mulheres, trabalhadores(as), empregados(as) e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas

Ao pensar na EJA, quando se trata de faixa etária, vem em mente um público voltado para os adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na idade certa, ou abandonaram os estudos pelo caminho, como já citado, porém o que vem sendo observado segundo Brunel (2004) é uma crescente entrada de jovens (adolescentes) em classes dessa modalidade, necessitando assim de mudanças no cotidiano das escolas e educadores, a esse fenômeno foi dado o nome de “juvenilização”, fenômeno esse que tem ligação direta com a “indeterminação do

público-alvo e diluição das especificidades psicopedagógicas” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 122). Nesse sentido é necessário um olhar para as especificidades desse grupo, pois esses alunos trazem consigo um conjunto de fatores que determinam seu perfil, bem como suas vivências, conhecimentos prévios. Como destaca Brasil (2006, p.4):

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos na fase adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória nessa fase da vida é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. Homens e mulheres que chegam a escola com crenças e valores já constituídos.

Um desses fatores que merece destaque são as questões socioemocionais, pois sabe-se que o alunado da EJA tem um sentimento de exclusão internalizado, segundo Freire (1987) são pessoas que por muitas vezes tiveram uma infância frustrada que sentem vergonha de si mesmas, e possuem um complexo de inferioridade diante de uma sociedade que os oprime e discrimina.

Para Colavitto e Arruda (2014, p.15) “A educação, para o homem, é um salto para liberdade, pois alfabetizado o mesmo é incluído na sociedade, podendo interagir com os outros com mais segurança, sem ter medo de ficar para trás em uma sociedade que evolui cada dia mais. ”

Diante dessa evolução, esse indivíduo uma vez alfabetizado se reconhece como parte de sua comunidade, e constrói seu espaço de maneira equilibrada, livre e consciente do seu verdadeiro papel frente a sociedade.

2.2.1 Facilidade de reduzir o tempo de estudo.

Os jovens que estão atrasados em relação a série/idade costumam recorrer a EJA para diminuir o tempo de estudo, esses por diversos motivos deixaram de frequentar o ensino regular e se apoiam na modalidade EJA, para dar continuidade aos estudos, o que podemos confirmar nas palavras de Silva (2017, p. 29)

[...] o número crescente de jovens nas salas da EJA, presença essa que pode ser ocasionada pelo fracasso da escola durante a infância, não atingindo os objetivos propostos pelo sistema de ensino, chegando as salas da EJA com aspectos relacionados a deficiência do ato educativo, desmotivados e resistentes á escola, somando com elementos relacionados à indisciplina ou comportamento inadequado, dificuldades de aprendizagem e desistência, reprovações e até expulsão da própria escola.

E para esses existe uma dificuldade de adaptação pela variedade de idades nas turmas de EJA. Conforme nos mostram Gouveia e Silva (2015, p. 752)

Para os alunos jovens, esse retorno é ainda mais difícil, pois eles foram recentemente afastados do ensino regular, ou por vontade própria ou pelo sistema que muitas vezes não permite a continuidade do aluno que estiver com defasagem idade/série e acaba encaminhando-o para a EJA. Esse aluno muitas vezes não se sente parte dessa nova modalidade e tem dificuldades em se relacionar com os outros alunos de idades tão diferentes, demonstrando comportamento arreadio.

Esse processo de juvenilização nos tira um pouco da principal característica das turmas de EJA que são adultos, pais de família, trabalhadores de um dia inteiro, e idosos, fenômeno esse que trata da crescente chegada de jovens que buscam a EJA, essa crescente começou nos últimos anos, com destaque para a década de 1990 como enfatiza Brunel (2004) quando diz que a juvenilização é como um fenômeno dessa década, 1990. Mas de fato o que é juventude?

[...] a juventude precisa ser vista como um processo, envolvendo a diversidade de contextos, sem estar fixada a critérios de etapas determinadas, como [...] parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo o processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 3).

Esses jovens em sua maioria buscam as salas de EJA por diversos motivos como a ida ao trabalho cada vez mais cedo, só lhes restando o horário da noite para estudar, a construção prematura de uma família, a necessidade de reduzir o tempo de estudo para uma qualificação mais rápida, pelos altos índices de repetência durante o ensino regular, gerando um atraso em relação série/idade, jovens que

foram por algum motivo privados de sua liberdade, excluídos de suas famílias entre outros. Como afirma Ferreira [s.d.], p.14)

[...] são pessoas que trabalham durante o dia, pais e mães de família, jovens que tiveram que abrir mãos dos estudos para poder trabalhar e ajudar no sustento da família, outros porque desperdiçaram a chance de ter um ensino regular e que hoje retornam para a sala de aula somente porque os pais obrigam.

É relevante salientar as dificuldades encontradas por esses jovens nas turmas de EJA, como por exemplo a visão de fracassados que é incumbida aos mesmos que poderiam cursar o ensino regular.

Uma característica frequente do aluno é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimento de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (BRASIL, 2006, p. 16)

Para adultos a EJA é visualizada como uma oportunidade de ingressar e/ou ascender no mercado de trabalho. Segundo Soares (2007, P. 1) “No caso dos alunos de idade superior, normalmente a realidade acrescenta que muitos dos alunos que frequentam esta escola são trabalhadores (as), casados (as), com filhos”.

O que também é reforçado por MOLL (2004, p. 11)

Quando falamos “em adultos em processo de alfabetização” no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que afastavam da escola, de que “mulher não precisa aprender” ou “saber os rudimentos da escrita já é suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída internamente na rede escolar que produz ainda hoje itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações-limite nas quais os tempos de infância foi, via de regra tempo de trabalho e de sustento das famílias.

Diante do exposto observamos que muitos jovens e adultos não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa por diversos motivos, desde a priorização do

trabalho as culturas machistas e questões geográficas. Esse público adulto através de competências e habilidades adquiridas nas salas da EJA, constroem uma gama de possibilidades para inserir-se no mercado de trabalho que exige cada vez mais dos profissionais, no mínimo o ensino médio.

2.3 Políticas públicas voltadas para EJA

Desde a constituição de 1988 lançaram-se políticas públicas para a educação, passando a ser do estado, o dever de ofertar de maneira gratuita educação a todos inclusive aqueles que não tiveram acesso a mesma na idade certa. No artigo 205 da referida lei fica definido que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família...” Portanto incluindo nesse artigo a modalidade de educação para jovens e adultos, o que vem a ser confirmado na fala de Rondônia (2013, p. 14) “a EJA deixou de ser uma compensação e passou a ser um direito ao longo da vida, efetivando-se como uma educação permanente a serviço do pleno desenvolvimento do educando”.

Muitos programas, projetos e iniciativas ganharam notoriedade a partir na década de 90 na tentativa de suprir as necessidades de se trabalhar com jovens e adultos na modalidade EJA.

Além dos programas citados acima, é importante frisar a fundação EDUCAR que, aliada ao MEC, em 1989 convocou uma comissão de especialistas a fim de pensar na preparação do Ano Internacional da Alfabetização que aconteceria em 1990 pela UNESCO; essa comissão foi “denominada como Comissão Nacional para o Ato Internacional da Alfabetização (CNAIA)” (MACHADO, [s.d.], p. 2), porém com a desarticulação da fundação EDUCAR, a CNAIA não teve sucesso.

Já no ano de 1990 outro lançamento foi o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC) esse programa trazia a ideia de redução do analfabetismo em 5 anos. Segundo MADEIRA (1992, p.56).

O governo federal, divulgou-se a criação de um "programa", de âmbito nacional, que se propunha a reduzir em 70% o analfabetismo brasileiro, no espaço de cinco anos. [...] A iniciativa pretendia marcar a participação do Brasil no Ano Internacional da Alfabetização, proclamado pela ONU.

Na última década algumas iniciativas internacionais aconteceram através da Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990) na Tailândia onde reforçam que a educação é um direito de todos, “O objetivo último da Declaração Mundial sobre Educação para Todos é satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. “(Declaração Mundial sobre Educação para Todos- Conferência de Jomtien – 1990) Nessa declaração segundo Menezes (2001, p.1)

[..] inclui definições e novas abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, as metas a serem atingidas relativamente à educação básica e os compromissos dos Governos e outras entidades participantes. Dessa forma, em seqüência à Conferência Mundial, os países foram incentivados a elaborar Planos Decenais de Educação Para Todos, em que as diretrizes e metas do Plano de Ação da Conferência fossem contempladas.

No Brasil, isso resultou na elaboração do Plano Decenal de educação para Todos, onde visava que jovens e adultos tivessem um acesso significativo a aprendizagem na educação básica em 10 anos (1993-2003); esse Plano Decenal traz sete objetivos gerais segundo o mesmo autor:

1. satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, jovens e adultos, provendo-lhes as competências fundamentais requeridas para a participação na vida econômica, social, política e cultural do país, especialmente as necessidades do mundo do trabalho;
2. universalizar, com equidade, as oportunidades de alcançar e manter níveis apropriados de aprendizagem e desenvolvimento;
3. ampliar os meios e o alcance da educação básica;
4. favorecer um ambiente adequado à aprendizagem;
5. fortalecer os espaços institucionais de acordos, parcerias e compromisso;
6. incrementar os recursos financeiros para manutenção e para investimentos na qualidade da educação básica, conferindo maior eficiência e equidade em sua distribuição e aplicação;
7. estabelecer canais mais amplos e qualificados de cooperação e intercâmbio educacional e cultural de caráter bilateral, multilateral e internacional”. (MENEZES 2011, p. 1)

Enquanto isso, a nível internacional foram realizadas seis conferências com objetivos de elaborar documentos a fim de colocar a problemática da educação de jovens e adultos no cenário da educação mundial, essas foram chamadas de

Confinteas, a primeira realizada na Dinamarca com o foco nas especificidades reais da população, a segunda no Canadá onde houve debates para que os países com maiores condições pudessem ajudar de alguma maneira os que ainda estavam em processo de desenvolvimento, a terceira que vem trazendo a ideia de uma amplitude no conceito de educação, a quarta na França onde o cenário da educação ganha o direito de ler o mundo em que vive, ainda ressaltou o direito de que a educação é direito de todos, e essa educação com qualidade e foi em 1997 na Alemanha que aconteceu a V Conferência Internacional de Educação de Jovens, pela UNESCO. (UNICEF, 1990, s/p)

A declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos relata que...

Nós, participantes da V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, reunidos na cidade de Hamburgo, reafirmamos que apenas o desenvolvimento centrado no ser humano e a existência de uma sociedade participativa, baseada no respeito integral aos direitos humanos, levarão a um desenvolvimento justo e sustentável. A efetiva participação de homens e mulheres em cada esfera da vida é requisito fundamental para a humanidade sobreviver e enfrentar os desafios do futuro. (UNESCO, 1999, p. 19)

Para Manfra, et al. (2018) a nível nacional não podemos deixar de destacar as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que estabelecem princípios norteadores das políticas de EJA como Equidade, diferença e de proporcionalidade.

Princípio da equidade: diz respeito à distribuição específica dos componentes curriculares da EJA nos diferentes níveis de ensino (Etapa I, Etapa II e Ensino Médio) a fim de propiciar um patamar igualitário de formação. Tal distribuição dos componentes curriculares é realizada por meio da oferta das mesmas disciplinas curriculares da Educação Básica, garantindo, dessa forma, que os educandos da EJA tenham acesso aos mesmos conhecimentos que os demais estudantes, restabelecendo a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação. • Princípio da diferença: esse princípio pressupõe a identificação e o reconhecimento da alteridade própria dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, proporcionando a valorização do mérito de cada um e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores. Na prática, isso significa que os conhecimentos científicos podem e devem ser ensinados considerando-se as diferentes formas de aprender dos diferentes educandos, por meio de diferentes metodologias, que, por sua vez, deverão estar adequadas às diferentes faixas etárias dos jovens, adultos e idosos. • Princípio da proporcionalidade: esse princípio está relacionado à disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da educação de jovens e adultos. Pressupõe o desenvolvimento de espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos educandos identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (MANFRA et al. 2018, p. 17/18)

Ainda de acordo com Manfra, et al. (2018) em relação às DCNs é importante também ressaltar que elas indicam três funções da educação de jovens e adultos: a reparadora, que visa reparar o direito negado; a equalizadora, que proporciona a permanência do aluno na escola e a qualificadora que visa a atualização dos conhecimentos dos alunos como mostra as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN):

Função Reparadora: refere-se ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, sem se confundir a noção de reparação com a de suprimento. Função Equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços das estéticas e nos canais de participação. Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos. (MANFRA et al 2018, p. 19/20)

O último documento a ser emitido foi a BNCC em 2017, que traz as competências e habilidades que todo estudante tem o direito de aprender e, portanto, está na parte obrigatória de toda matriz curricular, quanto as especificidades da EJA, cada estado, na construção de seus currículos, elabora cadernos especiais para servir de referência para essa modalidade, a exemplo do caderno da EJA do currículo sergipano, que está em processo de finalização. A modalidade EJA não é muito mencionada na Base Nacional Curricular Comum tendo leves avanços conforme indica Catelli:

Na primeira versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), lançada em 2015, chamou atenção ausência de qualquer formulação referente à Educação de jovens e Adultos (EJA), que é uma modalidade da Educação Básica. O texto limita-se a informar que determinados eixos e conteúdos se aplicam a crianças, jovens e adultos. [...] na segunda versão da BNCC, lançada em abril de 2016, houve algum esforço para incluir a EJA no texto curricular. Entretanto, a solução encontrada foi bastante artificial. Onde antes se lia “crianças e adolescentes” passou a figurar “crianças, adolescentes, jovens e adultos”. Na prática, essa inclusão só ampliou um problema já existente, pois tornou ainda mais homogêneo o currículo, desconsiderando qualquer especificidade da Educação de Jovens e Adultos. [...] na terceira versão da BNCC para o ensino fundamental, a EJA deixou de ser mencionada novamente, indicando que este documento não se aplicaria a esta modalidade. Com isso, a Base parece reconhecer a sua inadequação para a modalidade, sem realizar, contudo, qualquer outra proposição. [...] em abril de 2018 foi lançada uma nova versão da BNCC para o ensino médio e nela se repete o que ocorreu na última versão para o Ensino Fundamental: a completa ausência da EJA. (CATELLI s/d, p. 1-2).

Tendo visto que não é o sujeito que precisa se adaptar à realidade das instituições bem como as políticas públicas e sim ao contrário, são as instituições a fazer suas adaptações, através de seus currículos, com programas que sejam voltados ao sujeito e suas especificidades, caso isso não ocorra continuaremos no invés da exclusão.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme descrito na metodologia, foi utilizado como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos Professor Severino Uchôa, e por motivos éticos os nomes dos participantes não foram divulgados.

A pesquisa foi realizada na referida instituição de ensino com a participação de treze alunos com idades entre 15 e 42 anos, dois professores e dois coordenadores, no período de 03 a 13 de maio de 2021.

3.1 Questionário aplicado aos alunos da EJA

Os estudantes foram os primeiros a responder o questionário, dos 13 alunos 38,5% eram do gênero masculino e 61,5% do gênero feminino. Portanto com predominância feminina, corroborando com Leony (2013, p. 4) que afirma “As mulheres são maioria na Educação de jovens e Adultos (segundo o IBGE 2007, 53% das vagas da EJA eram ocupadas por mulheres) ”

No mesmo contexto (BRASIL 2008, p. 2)

As relações de gênero no país têm sofrido mudanças consideráveis nas últimas décadas e as mulheres avançaram em direitos nos muitos aspectos da vida cotidiana – trabalho, educação, saúde, moradia, segurança —, em particular, com estratégias de sobrevivência ao machismo. Com muitas questões a enfrentar como, por exemplo, a desigualdade salarial entre homens e mulheres na mesma função profissional, pode-se dizer que, entretanto, no campo educacional, só as gerações mais velhas ainda revelam a discriminação de há 60-70 anos contra as mulheres, quando não merecia importância a ida à escola, o saber ler e escrever, o conhecimento sistematizado. Nas gerações mais novas, a tendência tem sido inversa, observando-se um número superior de mulheres que acessam a educação, em relação aos homens. Muitas mulheres vivem problemas de duplas jornadas e, também, de assumirem sozinhas a chefia da família uniparental, em que a mulher garante o sustento e a educação dos filhos com o trabalho, sem que, muitas vezes, possa educar-se, seja pelo tempo escasso, seja pelos horários de oferta inadequados à realidade de vida dessas famílias.

A faixa etária distribui-se da seguinte forma: 61,5% de alunos entre 15 e 20 anos, 30,8% de alunos entre 21 e 30 anos e 7,7% entre 30 e 42 anos.

Paula (2010) parece concordar com essa análise quando afirma:

Tornou-se comum encaminhar os adolescentes, a partir dos 15 anos e jovens adultos, que procuram a escola para ingressar ou retomar seus estudos para EJA sem que outras oportunidades de educação lhe sejam oferecidas. De maneira que os conflitos intergeracionais se acentuam, na segunda metade da década de 90, devido ao fenômeno da juvenilização da EJA, devido à fixação da idade mínima para certificação em 15 anos (Ensino Fundamental) e 18 anos (Ensino Médio) definida no art. 38 da LDB 9.394/96. (PAULA, 2012 p. 1)

Quando questionados em relação ao trabalho, 46,2% responderam que trabalhavam de 6 a 12 horas por dia em profissões variadas e um em regime de escala, enquanto que 53,8% disseram não trabalhar no momento.

Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...]

A seguir foram questionados em relação paternidade/maternidade onde 85% relataram não ter filhos, e o restante (15%) desses alunos afirmaram ter filhos menores de 5 anos, e que a maioria das gestações (75%) não foram planejadas. Nessa turma, por ter em sua maioria pessoas jovens, apenas 2 alunos (as) relataram ter filhos, mas pela realidade dos alunos da EJA é comum que os mesmos já tenham filhos, sendo ainda jovens.

A gravidez na adolescência está acontecendo cada vez mais cedo e com isso os problemas se tornam mais graves, principalmente em adolescentes de classes de menor poder aquisitivo, levando-as a abandonar a escola ainda cursando o primeiro grau” (CARVALHO, MATSUMOTO, [s.d.]. p. 5)

Na quarta questão foi abordada a qualidade da relação familiar onde 38,5% responderam ter uma boa relação familiar, 15,4% qualificaram essa relação como normal, 7,7% relatou “com algumas brigas, mas “ok” e 7,7% mencionou um conflito com uma das partes da composição familiar “mais ou menos, minha mãe até dá para levar, mas meu pai é muito difícil”. E os demais (30,8%) não responderam.

No período da infância a afetividade é predominante [...] O adolescente entra em um processo de transformações e experiências, o que muitas vezes não é compreendido, nem aceito pelos familiares e tão pouco pela sociedade [...] na fase adulta da vida é notório que o ser humano apresenta dificuldades de demonstrar esse sentimento, pois os tabus culturais por vezes inibem as pessoas [...] É verdade que a pessoa que vive desde cedo em ambientes harmoniosos, tranquilos e saudáveis, ou seja, que tiveram toda sua infância cercada por outras pessoas que fazem uso naturalmente de gestos e atitudes afetuosos e com relações duradouras, não terão dificuldades alguma em relacionar-se com outras pessoas e demonstrar seu afeto. (SOUZA; MAGALHÃES 2017, p. 11)

Continuando na temática de relacionamentos, na quinta questão foi perguntado qual a maior dificuldade de relacionamento com os colegas?

Para isso 30,8% responderam não ter “nenhuma” dificuldade com os colegas de classe, 7,7% relatou ter dificuldade de socialização, 7,7% mencionou a falta de comunicação, 7,7% respondeu “muitos são fechados, outros julgam sem conhecer e outros se acham melhor que todo mundo” fazendo referência a exclusão de alguns colegas, 7,7% completou com a frase “tem uns mais velhos que ficam querendo silêncio aí é difícil fazer né!” e os demais (38,5%) não responderam.

O aluno adolescente vem para a EJA com uma visão de que não precisa ter comprometimento com os estudos, onde a frequência não é cobrada, e que o curso é muito rápido. Mas ao iniciar seus estudos na EJA, encontra alunos adultos que lá estão para recuperar o seu conhecimento, então ele se depara com uma situação de convivência escolar diferente de sua realidade anterior, o que facilita a geração de conflitos (SILVA, S-D, p. 7)

Na sequência foram questionados como avaliavam a relação com os professores, onde 31% avaliaram essa relação como “regular”, 46% avaliaram essa relação como “muito boa” e 23% avaliaram essa relação como “boa”.

“O diálogo entre professor e aluno de EJA, é importantíssimo para que haja um processo de socialização.” (SILVA, [s.d.], p. 7)

No mesmo contexto Freire (1987) expõe que: “o educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (p. 39).

Para complementar esse tópico na sétima questão foi-lhes perguntado o que poderia melhorar o desempenho dos professores. E para isso 30% relataram que “o método de ensinar”, 47% relataram que “a comunicação com o aluno”, 8% relataram que “tempo dado para execução das atividades” e 15% relataram que “material utilizado nas aulas”

Nesse sentido Doeneles (2005^a, p.21) afirma que:

Hoje em dia os professores que ainda acreditam que os alunos aprendem repetindo as informações estão reduzindo-se progressivamente. Nós sabemos que os alunos lidam com as informações modificando-as, reorganizando-as, reinterpretando-as e atribuindo-lhes sentido.

Bem como SILVA et al (s/d, p. 8-11)

O educador da EJA precisa descobrir quais gêneros textuais que os educadores estão familiarizados (orais ou escritos), quais são as suas preferências e quais podem ser úteis para a vida em sociedade. Dessa forma o educador da EJA precisa trazer, para suas aulas, textos informativos de diversas áreas do conhecimento, textos jornalísticos, literários, relatos históricos, dentre outros, sempre com finalidade de ampliar os conceitos e conhecimentos dos alunos. [...] O professor como um dos principais incentivadores desses jovens e adultos precisam também assumir uma postura mais atualizada, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir das necessidades apresentadas pelos seus alunos. (SILVA et al (s-d) p. 8-11)

Em relação a importância da escola em suas vidas 100% responderam que reconhecem essa importância, pois sem estudo não conseguiriam melhorar de vida, estabelecendo a relação escola com crescimento profissional. Nas palavras de Gevaerd e Oliveira (2009, p. 88), “o jovem retorna à escola à procura de qualificação visando à ascensão social”.

Para corroborar com esse entendimento: MUNCK, et al. (2013, p. 55)

Os jovens demandam processos educacionais que os insiram no universo profissional e nas diferentes práticas sociais e culturais [...] Os adultos, por sua vez, têm seu foco no aperfeiçoamento profissional, de modo a garantir a inserção e manutenção no mercado de trabalho [...] Os idosos, que, de maneira geral, viram seus filhos crescer e, muitas vezes, ajudam na educação dos netos, têm a expectativa de que o ensino possa favorecer a socialização e a realização de atividades práticas do dia a dia com mais autonomia, como ler receitas, histórias, ler a Bíblia, escrever bilhetes, auxiliar nas tarefas escolares dos netos, fazer transações comerciais e bancárias etc.

Quando questionados sobre a criação da EJA, 7,7% responderam não saber, 61,5% faz referência a ajuda em relação a distorção série/idade “Para ajudar pessoas que estão atrasadas no ensino escolar” e os demais (30,8%) não responderam.

[...] adolescentes têm visto na EJA, a oportunidade para acelerar seus estudos e a escola a possibilidade de “livrar-se” de educandos indisciplinados, como consequência, percebemos a EJA sendo usada como forma de acelerar e corrigir a defasagem idade/série.(PAULA, 2010, p.1)

A décima questão trouxe a contextualização dos conteúdos, e nesse quesito 70% dos alunos responderam que sim conseguiam relacionar os conteúdos estudados com suas realidades e 30% responderam que não.

Todo o processo de aprendizagem voltado aos discentes de EJA deve ter como prioridade a contextualização da realidade. A adoção de estratégias e materiais didáticos condizentes com os interesses e necessidades dos alunos é fundamental, pois, além de tornar a aula mais dinâmica, menos cansativa e mais interessante, possibilita que os estudantes pensem sobre suas identidades e subjetividades, suas formas de ser e estar no mundo. (CARDOSO; PASSOS. 2016 s-p)

Na décima primeira questão foi perguntado porque buscaram a EJA e não o ensino regular? E 8% dos entrevistados relataram que procuraram a EJA pela idade avançada, 47% relataram que procuraram a EJA para concluir os estudos rapidamente para trabalhar, 30% relataram que procuraram a EJA para concluir os estudos rapidamente para tentar o ensino superior e 15% por trabalhar o dia inteiro.

Dentro desse contexto destacamos os 30% que retratam nosso foco da pesquisa “a juvenilização do público da EJA”

No Brasil, 30% dos alunos da EJA têm entre 15 e 19 anos, segundo o censo Escolar de 2017. A presença de adolescentes neste espaço se dá porque muitos precisam trabalhar no período diurno, mas não querem abandonar os estudos. Também por causa da distorção idade-série resultante de uma cultura de fracasso escolar ou por serem induzidos a se preparar para o ENCCEJA e obter um certificado mais rapidamente. (MATUOKA, 2018 s-d)

A seguir foi perguntado qual seria a motivação para não desistir dos estudos? Onde 60% dos entrevistados relataram que a maior motivação em continuar os

estudos é a chance de crescimento profissional, ter seus certificados de conclusão e assim melhorar sua qualidade de vida, os demais (40%) trazem familiares como maior motivação, como seus pais e filhos. Esse incentivo por parte dos pais reflete o resultado das respostas para a pergunta- Qual a escolaridade dos seus pais? Pois 46% deles relatam que seus pais não concluíram o ensino fundamental, 15% que chegaram a concluir o ensino fundamental, 7% dos pais concluiriam o ensino médio, 1% dos pais tem ensino superior completo e os demais (31%) não souberam responder.

Muitos dos alunos deixam a escola por motivo de trabalho, ou ainda por a escola não vir de encontro com suas expectativas, e assim abandonam os bancos escolares. Muitos voltam porque tem incentivo da família, pressão no trabalho, vergonha perante a sociedade por não saber ler e escrever, exigências do mercado. E em que pese a faixa etária ser muito acima do usual na escola, jovens e adultos, a influência da família tem sido fundamental para o retorno a escola. (CARBONE. 2013, p. 23)

E para finalizar foi perguntado qual a renda mensal da família, das pessoas que moram junto com o estudante? 46% responderam que recebem um salário-mínimo, 23% menos de um salário-mínimo e 31% recebem em média mais de um salário-mínimo e não atinge dois salários ao mês.

Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação. Quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior à sua. (COSTA et al. 2006, p. 15).

Nesse sentido percebe-se que temos um público muito grande de jovens nas salas de aula de EJA, o que recebe o nome de juvenilização, rompendo amarras de uma história onde ao pensar em EJA era pensar em pessoas que há 10, 15 anos se afastaram da escola e que voltavam por algum motivo específico. A principal causa desse retorno por parte do público mais jovem segundo os próprios alunos em

resposta às perguntas, é a falta de interesse deles pelos estudos, o que ocasiona a distorção série/idade os levando para a EJA.

3.2 Questionário aplicado às professoras da EJA

O segundo grupo a responder o questionário foram duas professoras, 50% relatou trabalhar com o público da EJA há 10 anos, 50% há 25 anos, ambas com turmas da EJAEF e EJAEM. Quando perguntado se as mesmas receberam capacitação para trabalhar em sala de aula, com esse público-alvo, 50% disse que sim, (empreendedorismo pelo SEBRAI) e 50% relatou não ter tido nenhum tipo de capacitação.

A tarefa de reconfigurar currículos impõe a formação docente continuada, como professor pesquisador, porque por meio dela professores e educadores poderão revelar seus fazeres e ressignificar seus dizeres, a partir do que, efetivamente, sabem e pensam. À formação inicial e continuada de professores, fazendo real o papel de um sistema, cabe contribuir para a qualidade do ensino. (BRASIL, 2008, p. 4)

Nesse mesmo contexto Bezerra (2014)

A formação continuada apresenta-se como espaço e tempo de reflexão e de produção pedagógica, contribuindo e estimulando os professores a assumir a responsabilidade de seus próprios desenvolvimentos profissionais e pessoais, e a participar como protagonistas na implementação das políticas públicas educacionais dentro do contexto da Educação para Jovens e Adultos, que emerge, hoje, como uma das questões significativas do processo educacional. (BEZERRA, 2014, p. 32)

Ao serem perguntadas sobre os recursos (material didático) utilizados por elas em sala de aula, 50% relatou que “são muito aprofundados, ou seja, os conteúdos dos livros não correspondem ao nível dos estudantes dessa modalidade.” e os outros 50% disseram que “a maioria dos alunos passaram muitos anos sem estudar ou tiveram dificuldades de aprendizagem, e os conteúdos dos livros são voltados para alunos que tiveram sua vida escolar regular.”

Os conteúdos estruturantes da EJA são os mesmos do Ensino Regular, nos níveis Fundamental e Médio, porém com encaminhamentos metodológicos diferenciados, considerando as especificidades dos educandos; ou seja, o tempo curricular ainda que diferente do estabelecido para o Ensino Regular contempla o mesmo conteúdo. Isso se deve ao fato de que o público adulto possui uma bagagem cultural e de conhecimento adquiridos em outras instâncias sociais, uma vez que a escola não é o único espaço de produção e socialização de saberes. Este fato torna possível tratar do mesmo conteúdo de formas e em tempos diferenciados, tendo em vista as experiências e vivências dos educandos da EJA. (PARANÁ, 2013, p.6)

Ao serem questionadas sobre a visão que tinham sobre a EJA, 100% relataram que é uma ótima oportunidade de acelerar os estudos daqueles que não concluíram em idade regular, porém requer mais compromisso de todos inclusive dos professores. Segundo GUEDES, (2009) é necessário esclarecer que no começo tal modalidade de ensino foi gerada, para atender adultos, porém acabou trazendo uma população jovem por diversas razões, como, os altos índices de reprovações e as evasões de alunos jovens o que os colocam dentro dos considerados "fora da relação idade/ série" etc.

Uma das professoras fala do compromisso de todos com a EJA, incluindo os próprios professores, estando em conformidade com a fala de Santos e Silva (2020, p.2) que enfatizam:

A construção do diálogo entre educador e educandos é fundamental na EJA, pois formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, também é necessário que o professor tenha compromisso e valorize o tempo de aprendizagem dos alunos/as.

E sobre o perfil dos estudantes, 50% relatou que seus alunos estão nessa modalidade, por ter distorção idade/série e 50% que são alunos privados de liberdade, ainda completam com os seguintes registros:

Professora A: “No turno da tarde, alguns só vão para a escola para usar drogas. Já os da noite, são mais comprometidos. “

Professora B: “Temos alunos que abandonou os estudos muito cedo, temos alunos que trabalham o dia inteiro (pessoas mais velhas), e diversos alunos privados de liberdade que só vão a escola porque são obrigados pelas instituições.”

O homem nasceu para ser livre, não faz parte da sua natureza permanecer enjaulado. Mesmo que a escola seja um refúgio, ainda assim é possível se deparar com discentes que afirmam de forma segura, não haver interesse pela sala de aula, mas muitas vezes, ele procura esse espaço para fugir das punições, ou seja, a prisão é vista como um lugar que pune, persegue, maltrata, humilha, e o preso por não suportar tantas humilhações ver na escola um lugar de conforto e segurança. (SANTOS, 2020, p. 3)

Conforme Salla (1999, p. 67) “[...] por mais que a prisão seja incapaz de ressocializar, um grande número de detentos deixa o sistema penitenciário e abandona a marginalidade porque teve oportunidade de estudar”.

Uma das professoras relata que tem alunos “mais velhos”, que trabalham o dia inteiro, esse também é um público muito encontrado nas salas de aula da EJA.

Neste sentido, BARBOSA (2016, p.36) destaca que:

A aprendizagem para os idosos está diretamente ligada à sua qualidade de vida, pois as atividades variadas realizadas nas escolas de EJA, como atividades físicas, mentais, sociais, lúdicas e criativas, postergam as perdas de suas habilidades intelectuais, o que os mantêm por mais tempo inseridos ativamente na sociedade.

Nesse mesmo contexto, Ribeiro (2016, p.32-33) defende que:

[...] as expectativas dos alunos idosos, são as seguintes: Fazer o nome; ajudar os filhos; ler a bíblia; aprender a cada dia; como lazer e troca de experiência; fazer amizade; melhorar a escrita; 33 mudar de profissão; para recuperar o tempo perdido; ativar o corpo e a mente; ou melhor, o desejo de querer aprender mesmo.

Sobre as maiores dificuldades encontradas pelos seus alunos, a **professora A** diz: “Base. Recebo alunos no EJAF II que não sabem nem a tabuada” o que podemos confirmar na fala de BASTIANE (2011, p. 28) “Numa mesma sala de aula é possível encontrar alunos que não sabem ler nem escrever, e outros que já sabem alguma coisa, mas não dominam o código ortográfico da língua” e a **professora B** diz: “Os mais jovens acho que ainda é falta de interesse no aprendizado. Os mais velhos reclamam do tempo que ficaram sem estudar e o tempo por causa de outras ocupações. ”

E sobre as maiores dificuldades encontradas por elas mesmas enquanto docentes da modalidade, a **professora A** diz: “Ter a atenção deles” e a **professora**

B diz: “Apenas o material inadequado e a falta de interesse de alguns alunos mais jovens principalmente. ”

Diante de diversas dificuldades pelas quais passa a educação no Brasil, destaca-se, atualmente, um grande desinteresse por parte de muitos alunos, pelas atividades escolares. Frequentam as aulas, supostamente, por obrigação sem, contudo, participar de atividades básicas. Muitas vezes ficam apáticos diante de qualquer iniciativa dos professores, que se confessam frustrados por não conseguirem atingir totalmente seus objetivos. (MORALES e ALVES, 2016, P. 3)

A seguir foi perguntado, qual a maior fonte motivadora delas como docentes para que seus alunos não venham a desistir mais uma vez dos estudos? E as respostas foram:

Professora A: “Ver alunos mais velhos, mesmo com limitações, tentar aprender determinados conteúdos”

Professora B: “Trabalhar com adultos que já tem experiência de vida. Trocar aprendizados e ter uma relação com eles como se fôssemos amigos. ” Nesse contexto podemos destacar o que nos diz Feitosa (1999, p.43)

A medida que o educador vai relacionando os saberes trazidos pelos educandos com os saberes escolares, o educando vai aumentando sua autoestima, participando mais ativamente do processo. Com isso melhora também a sua participação na sociedade, pois assume um maior protagonismo agindo como sujeito no processo de transformação social.

Bem como as palavras de Nóvoa (1997, p.26) “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. ”

Observa-se por parte dos docentes dessa modalidade, diversas dificuldades, a começar pelo material didático que é pouco direcionado ao público da EJA, bem como a falta de interesse dos mais jovens, porém sentem-se motivadas pelas relações interpessoais que estabelecem entre educador e educando para juntos superá-las.

3.3 Questionário aplicado às coordenadoras da EJA

E por fim um questionário foi aplicado com duas coordenadoras que trabalham na escola há 4 anos, ambas com turmas da EJAEF e EJAEM, relatando que 100% de seu alunado são pardos, e que advêm de outros bairros, quando perguntado sobre a percepção delas como coordenadoras, em relação aos motivos que contribuem, na atualidade, para o estudante buscar a EJA e não o ensino regular, as duas (100%) relatam que o maior motivo é a distorção idade/série.

Tendo como referência a pluralidade sociocultural, alguns nunca frequentaram a escola, outros, precisaram afastar-se quando crianças devido à entrada precoce no mercado de trabalho ou até mesmo carência de escolas, ultrapassando assim a idade normal para estudar no turno diurno. Com a trajetória escolar interrompida, esta modalidade se torna uma opção, além de direito constitucional. (FELICIANO et al. [s.d.] p. 10)

Confirmam o que dispõe na lei resolução nº1, de 28 de maio de 2021 que um dos critérios para os alunos ingressarem na modalidade é a idade que para o EJAEF é de 15 anos e para o EJAEM é de 18 anos.

Art. 27. Obedecidos o disposto no art. 4º, incisos I e VII, da Lei nº 9.394/1996 e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização obrigatória, será considerada a idade mínima de 15 (quinze) anos completos para o ingresso nos cursos da EJA e para a realização de exames de conclusão da EJA do Ensino Fundamental (1º e 2º segmento).

Art. 28. Observado o disposto no art. 4º, inciso VII, da Lei nº 9.394/1996, a idade mínima para matrícula em cursos da EJA e para inscrição e realização de exames de conclusão da EJA do Ensino Médio (3º segmento) é de 18 (dezoito) anos completos. (BRASIL, 2021, p. 5)

Quando questionadas sobre a importância dos cursos de formação (graduação), na mediação das práticas pedagógicas, 100% conclui que sim, são de suma importância. E sobre os cursos de formação acadêmica, se os mesmos auxiliam no desempenho da função de coordenador (a) pedagógico (a) 50% chegam a conclusão que “sim” e 50% disseram que “em partes”.

Conforme a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996, p. 22), no seu artigo 64

A formação de profissionais de educação para a administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Sobre a práxis pedagógica é durante os cursos de graduação que se entende seu real significado, conforme ressalta SAVIANI (2005, p.107)

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas de transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática

Quanto a importância da formação acadêmica para desempenhar tal função OLIVEIRA, GUIMARÃES (2013, p.97) revelam que:

[...] é uma tarefa árdua a concretização deste trabalho tão complexo como o do coordenador pedagógico, é preciso criatividade, muito estudo, organização, ser leitor e ouvinte, aberto aos conhecimentos e inovações e também, não podemos deixar de mencionar, o aspecto das relações interpessoais inerentes à convivência humana no cotidiano do universo escolar. Entretanto, fica claro que sua formação, tanto inicial como continuada, são vitais para o desenvolvimento de um trabalho eficaz, visto que, os problemas educacionais são vastos e se modificam constantemente.

Também foi levantado a questão do ENEM, se na proposta pedagógica da escola acontece a preparação do aluno para tal exame, onde 100% responderam que “em partes, porém admitem não ter muito sucesso em quesito aprovações”

No universo de participantes da prova, os quase 65 mil alunos de EJA representam aproximadamente 8% do total, enquanto 81% são alunos do ensino regular e 11% do ensino profissionalizante. Das escolas de EJA participantes do Enem, 44,60% terão conceito divulgado pelo Inep, já que para ser incluído no cálculo o estabelecimento teria que ter um mínimo de 10 estudantes concluintes na prova. (BRASIL- MEC, 2006, n.p)

Outra pergunta foi sobre a preparação do aluno para o ingresso no mercado do trabalho, se existe algo na proposta pedagógica da escola, e 100% delas responderam que “sim, em parceria com outras instituições” em consonância com o que se estabelece na lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB):

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. [...] **§ 2º** II de educação profissional técnica de nível médio. ” (BRASIL, 1996, p. 15)

Quando mencionado o desempenho dos professores, questionou-se se na perspectiva de coordenador (a) pedagógico (a) tinha algo que poderia melhorar no desempenho geral dos mesmos (professores), ambas responderam que o que poderia melhorar seria “o método de ensinar e o tempo dado para a execução das atividades”

A qualidade do ensino é em sua maioria reflexo da educação oferecida e está diretamente ligada à prática educativa do professor, que necessita estar preparado para trabalhar com esses alunos, pois são pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e frequentar a escola regular e buscam por novos saberes, novos conhecimentos da vida e do mundo. Por isso, os profissionais da EJA necessitam de uma formação diferenciada. (FERNANDES; GOMES [s.d.] p. 3)

Sobre o tempo dado para a execução das atividades Brasil (2008, p. 4) coloca que:

Tempos na organização da EJA são fundamentais para possibilitar que aprendizados escolares se façam. Para além dos instituídos, cabe instituir tempos outros, de forma a atender a diversidade de modos pelos quais jovens e adultos podem estar na escola e aprender. São as necessidades da vida, desejos a realizar, metas a cumprir que ditam as disposições desses sujeitos, e por isso organizar tempos flexíveis, segundo as possibilidades de cada grupo pode contribuir, em muito, para garantir a permanência e o direito à educação.

Vale ressaltar a importância de uma equipe focada no auxílio do conhecimento dos alunos, cabendo a equipe pedagógica auxiliar seu corpo docente e juntos valorizar os conhecimentos de seus alunos a fim de garantir um melhor desenvolvimento por parte deles, isso implica em proporcionar praticas em conjunto com seus docentes onde transformem as aulas em um momento mais dinâmico e atrativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacado anteriormente trabalhar com a educação de jovens e adultos não se resume apenas no ato de ensinar, mas sim na construção de uma perspectiva de mudança, nesse sentido a pesquisa realizada buscou ressaltar a trajetória histórica da EJA, no cenário nacional, que foi marcada por inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas, bem como os programas que foram desenvolvidos para tal modalidade afim de proporcionar uma educação de qualidade a todos aqueles que por infinitos motivos tiveram seus estudos interrompidos.

Nessa perspectiva as políticas públicas existentes precisam ser repensadas para que de fato possam corresponder às expectativas daqueles que frequentam as salas da EJA, movimentos de mudanças de maneira conjunta nos âmbitos municipais, estaduais e federais afim de aproximar as políticas públicas aos cidadãos que delas necessitam.

É preciso atentar-se aos motivos que levam ao processo de juvenilização, ou seja compreender o que faz esses jovens estarem cada vez mais cedo abandonando seus estudos e sendo empurrados para a EJA como única alternativa de continuidade, esses se encontram em distorção série/idade, sem interesse pelas aulas, o que ocasionou anteriormente a evasão do mesmo durante o ensino regular. Esses jovens muitas vezes voltam a escola por imposição dos pais, pela obrigatoriedade de instituições de privação de sua liberdade, pela facilidade de redução de tempo para obtenção de ensino médio etc.

É preciso também destacar o papel do professor em uma sala de aula da EJA, esse necessita de um olhar atento e humano para as especificidades de cada aluno, eles trazem consigo seus conhecimentos prévios, algo relevante, um ponta pé para o aprendizado, esse docente necessita internalizar que seu processo de formação é algo contínuo, ensinar aprendendo, e aprendendo para ensinar, ser professor da EJA é estar em constante troca levando sua prática docente a excelência. Bem como o papel fundamental de coordenadores que são responsáveis por organizar o funcionamento da escola, envolvendo-se nos processos da prática pedagógica, que vão influenciar diretamente na qualidade de ensino da unidade escolar, atuam como representantes dos professores frente a direção escolar, e

conta com o apoio de ambos para aprimorar os processos pedagógicos previsto no currículo.

O presente estudo respondeu de maneira satisfatória a questão de pesquisa colocada, onde buscou-se compreender o porquê da escolha dos jovens pela EJA e não pelo ensino regular. Diante de diversos questionamentos e suas respectivas respostas ficou claro que os motivos como redução de tempo de estudo, distorção série/idade, privação de liberdade, ascensão no mercado de trabalho, inclusão no ensino superior, facilidades nos conteúdos ministrados, entre outros, são os responsáveis por essa opção.

Em relação aos objetivos propostos no início do estudo quando se pretendeu examinar as causas desse processo de juvenilização da EJA, fazendo uma breve reflexão sobre esse processo através do perfil dos alunos do Centro de Referência de Educação de jovens e Adultos Professor Severino Uchôa, bem como conhecer a trajetória da EJA no âmbito nacional e fazer uma análise das políticas públicas que retratam esse fenômeno, conclui-se que esse processo de juvenilização tão presente na EJA decorre de um processo de “fracasso” pelos jovens, marcado pelo descontentamento durante o ensino regular, cheio de idas e vindas o que os colocam em desvantagens em relação aos demais, o que fica claro pelos números expressivos de jovens entre 15 e 20 anos nas salas de EJA da referida escola.

Fazendo uma ligação com a história da modalidade no Brasil percebe-se o quão frágil sempre foi a educação brasileira para esse público, nunca sendo de fato reconhecida como direito, e posteriormente utilizada apenas com fins de beneficiar uma camada abastada da sociedade, muitas políticas públicas foram instaladas no país nos últimos anos a fim de estreitar esse caminho entre educação e indivíduos que não tiveram acesso a ela na idade certa.

Diante dos inúmeros desafios que a EJA ainda enfrenta não é viável finalizar com conclusões e sim com reflexões finais a fim de evidenciar a necessidade de maiores pesquisas e reflexões sobre essa modalidade.

REFERÊNCIAS

V CONFITEA (Conferência Internacional sobre Educação de Adultos). **Declaração de Hamburgo**: agenda para o futuro. 1999. Brasília: SESI/UNESCO. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000006.pdf>>. Acesso em 09 Maio de 2021.

BARBOSA, Gisele Rieger P. **A importância da velhice**: alunos idosos na EJA. Escritos e escritas na EJA, n. 5. 2016 p. 30-39. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/niepeeja/AIMPORNCIADAEDUCAONAVELHICE.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2021.

BELLAN, Z. S., **Andragogia em Ação**: Como ensinar adultos sem se tornar Maçante, Santa Bárbara d'Oeste, SOCEP Editora, 2005.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAAL.História da Educação no Brasil. Período do Regime militar**. Pedagogia em foco, Vitória 1993. Disponível em <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 31 de Março de 2021

BEZERRA, Elenita de Vasconcelos. **A educação de jovens e adultos na terceira idade**. João Pessoa. 2014.

BRASIL. **Confitea**. Documento base nacional. Brasília 2008. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf

_____. Constituição(1988).**Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico,1988.

_____. **RESOLUÇÃO Nº 1, DE 28 DE MAIO DE 2021**. DISPONIVEL EM: <https://www.in.gov.br/eeb/dou/-/resolucao-n-1-de-28-de-maio-de-2021-323283442>

_____. **Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**.Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Constituicao/ConstituicaoCompleta.htm. Acesso em 7 de Março de 2021

_____. (2014). **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em 14 de Abril de 2021.

_____. **Lei nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário da União, Brasília, DF,12 AGO. 1971.

MEC- Desempenho da modalidade EJA no Enem 2005. MEC-2016.
 DISPONIVEL EM: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/204-10899842/6407-sp-19507558> Acesso em 08 de Outubro de 2021.

 Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília, 2013.

 Ministério da Educação do Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA.** Parecer CNE/CEB 11/2000 de junho de 2000. Disponível: <https://www.gov.br/mec/pt-br> Acesso em: 14 de Abril de 2021

 Ministério da Educação. **Manual Operacional do Programa Brasil Alfabetizado.** Brasília: MEC, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br> Acesso em: 02 de Abril de 2021

 Ministério da Educação, **Coleção trabalhando com a educação de jovens e adultos**, Caderno 5: O processo de aprendizagem dos alunos e professores. Brasília, 2006.

 Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

 Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

 Ministério da Educação, **Coleção trabalhando com a educação de jovens e adultos**, Caderno 4: Alunos e alunas da EJA. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno4.pdf. Acesso em 29 de Abril de 2021.

BRASIL- **Plano Nacional de Educação-** PNE, 2000, p. 6

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovem na educação de jovens e adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004

CARBONE, Solange Aparecida Beletato. **Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos:** Uma reflexão com alfabetizadores da EJA. 2013. 38 f. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

CARDOSO, Marcélia Amorim. PASSOS, Gisele de Andrade Louvem. **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a Formação docente.** 2016. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/25/reflexes-sobre-a-educacao-de-jovens-e-adultos-e-a-formao-docente> Acesos em 05 de Setembro.

CARVALHO et al. **ANDRAGOGIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DO ADULTO.** Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. 2010. p. 78-90.

_____. Marilei Bressanide. MATSUMOTO, Leopoldo Sussumu. **Gravidez na adolescência e a evasão escolar.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1868-8.pdf> Acesso em 28 de setembro de 2021.

CATELLI, Roberto Junior. **Lugar da EJA na BNCC:** o não lugar da Educação de jovens e adultos na BNCC. [s.d.]. Disponível em: <https://profemarli.com/lugar-da-eja-na-bncc>. Acesso em 12 de Maio de 2021.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº. 37, de 7 de julho de 2006. Diretrizes e procedimentos técnico-pedagógicos para a implementação do PROJOVEM—Programa Nacional de Inclusão de Jovens. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 ago. 2006.

CORDES et al. **Uma leitura do plano nacional de educação (PNE) e uma proposta para seu monitoramento.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2017.

COSTA, Elisabete et al. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos:** alunos e alunas da EJA. Brasília 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf Acesso em 11 de setembro de 2021.

COVALLITO, Nathalia Bedran; ARRUDA. Aparecida Luvizotto Medina Martins. **Educação de Jovens e Adultos (eja):** A importância da Alfabetização. Revista Eletrônica Saberes da educação – vol. 5 nº 1 – 2014.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito Social.** Revista Brasileira de Educação, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003.

DEAQUINO, T. C. E. **Como Aprender:** Andragogia e as habilidades de aprendizagem, São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2007.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. **Método Paulo Freire Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1999, p. 43-53.

FERREIRA, Núbia Nafaiete Ferraz. **O perfil dos Alunos e Alunas da Educação de Jovens e Adultos:** alfabetização e diversidade. Instituto de ensino superior Franciscano-IESF. [s.d.]

FERNANDES, Maria Rosângela; GOMES, Vilisia Rudenco. **Formação dos professores da EJA:** desafios e possibilidades (s-d). Disponível em:

<https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/461/FORMA%C3%87%C3%83O%20DOS%20PROFESSORES%20DA%20EJA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
Acesso em 10 de Setembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como pratica da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIEDRICH et al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. Ensaio: avaliação das políticas públicas educacionais**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. **Educação de jovens e adultos: teoria, pratica e proposta**. 8º. ed. São Paulo: Cortez, 2006.v.5

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10ª. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GEVAERD, Esterzinha A.P.; OLIVEIRA, Sidnei Dias de. **PROEJA: O Aluno**. Florianópolis: Publicação do IFSC, 2009. 80p.: Il; 14,8X21,10cm. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/Proeja_OAluno_web.pdf/4be5e376-7707-c07e-1434-7d6c48d293f6 Acesso em: 10 de Setembro de 2021

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOUVEIA, Daniela da Silva Maia & SILVA, Alcina Maria Testa Braz. **A FORMAÇÃO EDUCACIONAL NA EJA: DILEMAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**. *Revista Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. Belo Horizonte*. 2015, vol.17, n.3, p.749-767. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172015170310>. Acesso em: 18 de Abril de 2021.

GUEDES, L. F. **A leitura no universo educacional de jovens e adultos**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE), 17, 2009. Campinas, SP. Anais... 17º Congresso de leitura do Brasil, Campinas: Unicamp/FE; ALB, 2009.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M.C. **Escolarização de jovens e adultos**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p 108-130, 2000.

LEONCY, Christiane. **Mulheres na EJA**: questões de identidade e gênero. (Mestrado em Educação) – Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250793/1/Leoncy_ChristianeEvelynTeixeira_M.pdf Acesso em: 11 de Setembro de 2021.

MACHADO, Margarida Maria; ALVES, Míriam Fábila. **O PNE e os desafios de jovens e adultos na próxima década**. n.d

MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. **O desafio fundamental do programa nacional de alfabetismo e cidadania – PNAC**. Brasília. Ano 10, n. 50/51, abr./set 1992.

MANFRA, Angelo R. et al. **GESTÃO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**: aspectos legais e pedagógicos. Paraná 2018. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/gestao_em_foco/educacao_jovens_adultos_unidade1.pdf. Acesso em 08 de Maio de 2021

MATUOKA, Ingrid. **Os desafios da EJA para incluir quem a escola abandonou**. 2018. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/os-desafios-da-eja-para-incluir-quem-a-escola-abandonou/> Acesso em 19 de setembro de 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbete Mobral** (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Dicionário Interativo da Educação Brasileira-EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>> Acesso em 30 mar 2021, 04 de maio de 2021 e 08 de maio 2021

MOLL, Jaqueline. **Educação de jovens e adultos (série projetos e práticas Pedagógicas)** Porto Alegre: mediação, 2004.

MORALES, Márcia de Lurdes. ALVES, Fábio Lopes. **O desinteresse dos alunos pela aprendizagem: uma intervenção pedagógica**. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2016.

NBR, 2013.

MUNCK, Alexandre et al. **Mova Brasil 10 anos**. Movimento de alfabetização de jovens e adultos. São Paulo 2013.

NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira**: 500 anos de história, 1500-2000. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

NÓVOA, Antonio.(coord).**Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/74536/o-professor-de-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em 05 de setembro de 2021.

OLIVEIRA, Juscilene da Silva; GUIMARÃES, Maria Campos Moraes. **O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar**. Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues – ANO I – Edição I – Janeiro de 2013 ISSN 2317-7284 97. Disponível em: <https://www.faculadefar.edu.br/arquivos/revista-publicacao/files-19-0.pdf> Acesso em 29 de setembro de 2021.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Plano de Ação da Equipe Pedagógica**. CEEBJA. Londrina, 2013.

DE PAULA, S. G. **Desigualdades e desempenho escolar no processo de escolarização da juventude**: uma análise contextual sobre a expansão do ensino médio na região metropolitana de BH. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. (Tese de doutorado). 2012.

PEREIRA, Elton Antônio Alves. **Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Revista de encontro de pesquisa em educação. v. 1, n.1, p.53-63, Uberaba. 2013.

RIBEIRO, Célia, et al. **Educação de jovens e adultos**: um olhar para o retorno dos discentes ao processo de escolarização. João Pessoa – PB. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2233/1/CPLR10082016> Acesso em 28 de setembro de 2021.

RODRIGUES, Júcélia Oliveira; Melissa Cardoso da. **EJA, espaço para aprender, fazer e ser....** EDUCATRIX, São Paulo, v. 2, n. 4, p.35-40. 2014.

SALLA, Fernando. **As prisões em São Paulo**: 1822-1940.São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BR3h8PGwj5FQW7Cmkg8XMnh/?lang=pt> Acesso em 21 de setembro de 2021

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA et al. **O papel do professor da EJA**: perspectivas e desafios. ed. Realize. VENID. 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA13_ID1700_30072015131818.pdf. Acesso em 06 de Setembro de 2021.

SILVA, Francisca Veridiana. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula**: Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), 2017.

SILVA, Rose Margarete Dranka de Paula. **A diversidade de idades entre alunos na mesma sala de aula do centro de educação de Jovens e Adultos – CEJA de Canoinhas** s-d disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/463/A%20DIVERSIDADE%20DE%20IDADES%20ENTRE%20ALUNOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
Acesso em 11 de Setembro de 2021.

SOARES, Maria Aparecida Fontes. **Perfil do Aluno da EJA / Médio na Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima**. 2007. 56p. Monografia (Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. UFPB. Bananeiras). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_perfil.pdf Acesso em 19 de setembro de 2021.

SOUZA, Luciara Dias de. MAGALHÃES, Maria Luciene de França. **Afetividade na educação de jovens e adultos no processo de ensino e de aprendizagem**. João Pessoa-PB: UFPB, 2017 54f.:il. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2622/1/LDS19062017.pdf>
Acesso em: 19 de setembro de 2021.

SANTOS, Maria Eliane Ferreira dos. MEDEIROS, Késia Girlane Santos de. **Educação para apenados: Desafios e perspectivas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 20, pp. 144-160. Outubro de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/educacao-para-apenados>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/educacao-para-apenados
Acesso em 21 de setembro de 2021.

SANTOS, Maria Raiana Barbosa dos. SILVA, Paulina Gessika Ferreira da Silva. **O olhar do professor na educação de jovens e adultos**. Conedú VII Congresso Nacional de Educação Maceió – AL. 2020.

APÊNDICES

APENDICE A - (Questionário para alunos)

Alunado da EJA, sigilo na identidade para isso usaremos nomes fictício, demais informações são reais de autoria própria dos alunos entrevistados.

Nome: (opcional) _____

Idade: _____

Trabalha? ☐ SIM ☐ NÃO

Se trabalha, responda: Quantas horas por dia? _____

Profissão: _____

Filhos? ☐ SIM ☐ NÃO

Quantos ☐ _____

Essa gravidez foi planejada? ☐ sim ☐ não

Quem ajuda a cuidar dos seus filhos, enquanto você estuda?

Estado civil: ☐ casado ☐ solteiro ☐ divorciado ☐ viúvo

Com quem mora no momento? ☐ cônjuge ☐ pais ☐ sozinho ☐ outros

Como é a sua relação familiar?

A escola é perto de sua casa?

☐ sim ☐ não

O convívio com seus colegas de classe é bom? ☐ sim ☐ não

Qual a maior dificuldade de relacionamento com os colegas já observado por você?

De modo geral, como você avalia o ensino de seus professores?

☐ muito bom

☐ bom

☐ regular

- ☐ suficiente
☐ insuficiente

No seu entendimento o que poderia melhorar no desempenho geral de seus professores?

- ☐ método de ensino
☐ comunicação com o aluno
☐ material utilizado nas aulas
☐ passar mais atividades
☐ tempo dado para a execução das atividades

Você falta com frequência? ☐ sim ☐ não

Se falta por qual motivo?

Em relação ao programa EJA você sabe por que ele foi criado? ☐ sim ☐ não
 Explique.

Você conseguiu relacionar os conteúdos de sala de aula com a sua realidade? ☐ sim
☐ não

O que fez você buscar a EJA e não o ensino regular?

- ☐ idade avançada
☐ trabalho nos outros turnos
☐ concluir os estudos rapidamente para trabalhar
☐ concluir os estudos rapidamente para tentar o ensino superior

Qual a maior facilidade que você vê em estudar na EJA?

O que você mudaria na EJA?

Qual a sua maior motivação para não desistir dos estudos?

Seus pais trabalham? ☐ sim ☐ não

Qual a escolaridade dos seus pais?

- ☐ nunca estudou
- ☐ ensino fundamental incompleto
- ☐ ensino fundamental completo
- ☐ ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ ensino superior incompleto
- ☐ ensino superior completo.

Qual a renda mensal de sua família, as pessoas que moram na mesma casa que você?

- ☐ um salário-mínimo
- ☐ menos de um salário-mínimo
- ☐ mais de um salário-mínimo.

APENDICE B – Questionário para Professores

O nome será fictício, para manter o sigilo!

NOME (OPCIONAL):

FORMAÇÃO?

QUAL MODALIDADE VOCÊ TRABALHA EJA?

☐ EJAEF ☐ EJAEM

QUANTO TEMPO TRABALHA COM TURMAS DA EJA?

RECEBEU CAPACITAÇÃO PARA TRABALHAR COM TURMAS DA EJA

☐ sim ☐ não.

Se sim, quais os conteúdos abordados nessa capacitação?)

O QUE VOCÊ ACHA SOBRE OS RECURSOS UTILIZADOS NA EJA?

QUAL A SUA VISÃO SOBRE A EJA?

QUAL O PERFIL DE SEUS ALUNOS?

☐ ABANDONOU OS ESTUDOS MUITO CEDO

☐ TRABALHA O DIA INTEIRO

☐ SÃO PESSOAS MAIS VELHAS

☐ ALUNOS COM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

QUAL A SUA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA?

JOVENS, ADULTOS E IDOSOS?

NA SUA OPINIÃO O MATERIAL DIDÁTICO É CONDIZENTE COM A REALIDADE DO SEU ALUNO?

☐ SIM ☐ NÃO

PORQUÊ?

QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS SEUS ALUNOS?

JOVENS E ADULTOS?

QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENCONTRADA POR VOCÊ ENQUANTO PROFESSOR DE TURMAS DA EJA?

NA SUA OPINIÃO QUAL A MELHOR MANEIRA DE MOTIVAR SEUS ALUNOS A NÃO DESISTIREM DO CURSO?

QUAL A SUA MAIOR MOTIVAÇÃO EM TRABALHAR COM TURMAS DA EJA?

APENDICE C – Questionário para coordenadores

Nome (opcional)

Níveis/Modalidades de ensino ofertados (as) pela escola

☐ Ensino Fundamental ☐ Ensino Médio ☐ EJAEF ☐ EJAEM

Há quanto tempo exerce a função do coordenador (a) pedagógico (a)?

☐ menos de 1 ano ☐ 1-2 anos ☐ 2-3 anos ☐ 3-4 anos ☐ mais de 5 anos

A partir de sua percepção de coordenador (a), indique qual motivo contribui, na atualidade, para o estudante buscar a EJA e não o ensino regular?

☐ Idade avançada

☐ Trabalho nos outros turnos

☐ concluir os estudos rapidamente para trabalhar

☐ concluir os estudos rapidamente para tentar o ensino superior

☐ outros _____

Considera que os cursos de formação (graduação) são importantes na mediação das práticas pedagógicas?

☐ sim ☐ não ☐ em parte

Considera que os cursos de formação acadêmica auxiliam no desempenho da função de coordenador (a) pedagógico (a)?

☐ sim ☐ não ☐ em parte

Por meio de sua percepção enquanto coordenador (a), como classificaria a maioria dos alunos da EJA quanto a qual etnia?

☐ brancos ☐ pardos ☐ negros ☐ amarelos ☐ indígenas

Onde moram a maior parte dos alunos de sua escola?

☐ nas proximidades da escola

☐ outros bairros

☐ instituições privadas de liberdade

☐ interior

☐ outros

Existe algum critério para admissão dos estudantes de EJA?

☐ sim ☐ não Qual? _____?

Na proposta pedagógica da escola acontece a preparação do aluno para prestar o ENEM

☐ sim ☐ não ☐ em parte

Na proposta pedagógica da escola acontece a preparação do aluno para o ingresso no mercado do trabalho?

☐ sim ☐ não ☐ sim, em parceria com outras instituições

Há alunos com deficiência (necessidades especiais) na sua escola?

☐ sim ☐ não

Como se dá a interação ensino aprendizagem desses alunos?

☐ inclusão com sala de recursos

☐ inclusão sem sala de recursos

☐ solicitamos suporte de apoio I e II, quando necessário

☐ não recebem suporte necessário

Você considera que o número de professores em atividade nesta escola é?

☐ suficiente ☐ insuficiente

Você considera que o número de apoio (administrativo, limpeza, merenda) em atividade nesta escola

☐ suficiente ☐ parcialmente suficiente ☐ insuficiente

Como se dá a interação professor x aluno e aluno x professor na visão de coordenador (a)?

Você acha importante a pesquisa junto a comunidade para orientar o planejamento?

Existe conselho escolar?

☐ sim ☐ não

Se sim, qual a frequência de reuniões do mesmo?

☐ semanal ☐ quinzenal ☐ mensal ☐ bimestral ☐ semestral ☐ outro

Na perspectiva de coordenador(a) pedagógico(a) o que poderia melhorar no desempenho geral de seus professores? *

☐ *método de ensinar*

☐ comunicação com o aluno

☐ material utilizado nas aulas

☐ passar mais atividades

☐ passar menos atividades

☐ tempo dado para a execução das atividades

Em relação aos seguintes espaços, informe a existência ou inexistência na escola

☐ quadra

☐ refeitório ou cantina

- ☐ biblioteca
- ☐ sala de recurso
- ☐ laboratório de ciências
- ☐ laboratório de informática
- ☐ sala de grêmio

De uma nota de 0 a 10 a escola enquanto ao espaço físico. Justificando a mesma.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Elaine Cristina Souza Soares Santos, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Carla Daniela Kohn, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: PERFIL ETÁRIO DOS ESTUDANTES E A ESCOLHA PELA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: oportunidade ou fuga para a juventude?, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 23/ outubro/2021.



Assinatura do (a) aluno (a) concluinte